

Recensão da obra: *Sobre a ciência da incerteza: o método biográfico na investigação em ciências sociais*, de Franco Ferrarotti

Book Review: *On the Science of Uncertainty: The Biographical Method in Social Research*, by Franco Ferrarotti

Teresa Rodrigues da Silva¹

Fabília Castro Maciel²

Helder de Albuquerque Machado³

Paulo Amaral Soares⁴

DOI: https://doi.org/10.60543/ts_iss.vi10.11583

Recebido: 7 de julho de 2026

Revisto: 10 de junho de 2026

Aceite: 16 de julho de 2026

Publicado: 31 de julho de 2026

FERRAROTTI, Franco (2013). *Sobre a ciência da incerteza: o método biográfico na investigação em ciências sociais*. Mangualde: Edições Pedagogo; Mulemba. 102 p. ISBN 978-989-8655-10-3.

Introdução

A edição portuguesa de *Sobre a ciência da incerteza: o método biográfico na investigação em ciências sociais*, publicada em 2013 pelas Edições Pedagogo e pela Mulemba, constitui uma intervenção vigorosa no debate sobre os fundamentos epistemológicos das ciências sociais. O falecimento de Franco Ferrarotti, em 2024, convida a reler a obra não apenas como homenagem, mas como oportunidade de aferir a atualidade da sua proposta. Num contexto marcado pela produção massiva de dados, pela modelização algorítmica e pela

¹ Coordenadora e investigadora integrada do Centro de Interpretação, História e Memória em Serviço Social (CIHMeSS) | Centro Lusíada de Investigação em Serviço Social e Intervenção Social (CLISSIS), Universidade Lusíada | ORCID: [0000-0002-5485-7961](https://orcid.org/0000-0002-5485-7961) | teresa.silva@edu.ulusiada.pt

² Investigadora integrada do Centro de Interpretação, História e Memória em Serviço Social (CIHMeSS) | Centro Lusíada de Investigação em Serviço Social e Intervenção Social (CLISSIS), Universidade Lusíada | Docente da Universidade Aberta | ORCID: [0000-0002-3001-5276](https://orcid.org/0000-0002-3001-5276) | fabriaciadm@gmail.com

³ Historiador, curador e investigador colaborador do Centro de Interpretação, História e Memória em Serviço Social (CIHMeSS) | Centro Lusíada de Investigação em Serviço Social e Intervenção Social (CLISSIS), Universidade Lusíada | Diretor do Departamento de Cultura, Conhecimento e Informação da Universidade Lusíada | ORCID: [0000-0002-9041-202X](https://orcid.org/0000-0002-9041-202X) | helder.machado@ulusiada.pt

⁴ Curador e investigador colaborador do Centro de Interpretação, História e Memória em Serviço Social (CIHMeSS) | Centro Lusíada de Investigação em Serviço Social e Intervenção Social (CLISSIS), Universidade Lusíada | Diretor-Adjunto do Departamento de Cultura, Conhecimento e Informação da Universidade Lusíada | ORCID: [0000-0002-2038-6997](https://orcid.org/0000-0002-2038-6997) | paulo.soares@ulusiada.pt

proliferação de indicadores que tendem a converter a experiência social em métricas, a defesa de uma ciência histórica, situada e relacional adquire renovada pertinência.

A crítica de Ferrarotti dirige-se à rigidez metodológica e à tecnocratização da investigação, sobretudo quando o rigor é confundido com abstração, a objetividade com distanciamento e a compreensão com medição. A sua posição não implica rejeitar a racionalidade científica ou a quantificação, mas recusar a autonomização dos instrumentos perante os problemas e os sujeitos estudados. Neste quadro, o método biográfico surge como uma tomada de posição simultaneamente epistemológica, metodológica e ética: permite compreender a relação dialética entre trajetória individual e estrutura social e recoloca a escuta, a subjetividade e a historicidade no centro da produção de conhecimento.

A proposta inscreve-se numa tradição que, desde Thomas e Znaniecki (1918–1920), reconhece a biografia como via privilegiada para compreender as relações entre indivíduo e sociedade. A reflexão de Schmidt (1997, 1998) sobre a tensão entre documento, interpretação e construção narrativa confirma, de forma sintética, o alcance interdisciplinar e os desafios epistemológicos da escrita biográfica.

Esta recensão analisa os principais argumentos da obra, com especial incidência na historicidade da ciência, na crítica ao positivismo e ao «fetichismo dos dados», na relação entre biografia e estrutura social e na dimensão dialógica da investigação. A leitura é articulada com contributos da teoria narrativa e da investigação biográfica contemporânea, designadamente *Biographical Research and New Social Architectures* (Nurse *et al.*, 2024), procurando avaliar tanto a fecundidade da proposta ferrarottiana como os seus limites perante os desafios atuais das ciências sociais.

1. Percorso analítico

O presente texto configura-se como uma recensão crítica de natureza qualitativa, assente na análise documental e na interpretação teórica. O *corpus* principal é constituído pela edição portuguesa de *Sobre a ciência da incerteza* (Ferrarotti, 2013), considerada na sua globalidade e examinada a partir de três dimensões: os fundamentos epistemológicos, as implicações metodológicas e a relevância contemporânea da proposta.

A leitura foi orientada para a identificação dos conceitos estruturantes da obra — designadamente a historicidade da ciência, a crítica à abstração, o «fetichismo dos dados», a relação entre biografia e estrutura social e a dimensão dialógica da investigação. Estes eixos foram posteriormente colocados em relação com contributos de autores associados à investigação biográfica, à teoria narrativa e à reflexão sobre a escrita biográfica (Bertaux, 1997; Goodson, 2013; Ricœur, 1983; Schmidt, 1997, 1998; Schütze, 2008; Thomas & Znaniecki, 1918–1920).

A análise assume um carácter interpretativo e avaliativo: não se limita a expor o conteúdo da obra, mas procura reconhecer convergências, tensões e lacunas. Para esse efeito, o pensamento de Ferrarotti é também confrontado com discussões recentes sobre criatividade metodológica, vulnerabilidade, trauma, cuidado e mediação tecnológica na investigação biográfica (Nurse *et al.*, 2024).

2. Entre o documento e a narrativa: fundamentos e subjetividade

A defesa do método biográfico assenta numa conceção dialética da relação entre indivíduo e sociedade. Para Ferrarotti, a biografia não é um domínio privado, isolado das estruturas coletivas, nem um simples repositório de acontecimentos pessoais. Cada trajetória singular incorpora mediações familiares, institucionais, económicas, culturais e políticas; inversamente, essas estruturas apenas se tornam sociologicamente inteligíveis quando observadas nas formas concretas pelas quais são vividas, interpretadas e narradas.

Esta perspetiva aproxima-se do método progressivo-regressivo de Sartre, mobilizado por Ferrarotti para descrever um movimento de ida e volta entre a biografia e o sistema social. Nas palavras citadas pelo autor, o procedimento implica «uma leitura vertical e horizontal tanto da biografia como do sistema social» e um movimento heurístico entre ambos (Sartre, 1960, como citado em Ferrarotti, 2013, p. 65). O método biográfico adquire, assim, valor explicativo precisamente porque evita duas reduções simétricas: dissolver o sujeito nas determinações estruturais ou interpretar a vida individual como realidade autossuficiente.

A história de vida constitui um dispositivo privilegiado desta abordagem. Não deve ser tratada como matéria bruta que o investigador recolhe de forma neutra, mas como narrativa produzida numa situação comunicativa concreta. Quando Ferrarotti afirma que a história de

vida «restaura a matéria e o significado humano do sistema conceptual atemporal» (2013, p. 37), sublinha a capacidade da narrativa para devolver densidade temporal e sentido às categorias abstratas da análise social.

O diálogo com Bertaux (1997), Ricœur (1983), Schütze (2008) e Goodson (2013) reforça esta leitura. Embora partam de tradições distintas, estes autores convergem na ideia de que a narrativa não é uma reprodução transparente do passado. É uma operação de seleção, configuração e interpretação que articula acontecimentos, experiências e expectativas. O relato biográfico deve, por isso, ser analisado simultaneamente como construção narrativa e como inscrição singular de processos sociais mais amplos.

Também Schmidt (1997, 1998), ao estudar as relações entre história, jornalismo, literatura e cinema, mostra que a escrita biográfica se situa numa zona de tensão entre documento e imaginação, prova e construção narrativa. Reconhecer essa tensão não significa abandonar critérios de validade; significa explicitar os procedimentos de seleção, contextualização e composição através dos quais uma vida se torna narrável e historicamente inteligível.

A dimensão relacional do conhecimento é particularmente clara na formulação de Ferrarotti segundo a qual «as pessoas não contam as suas vidas a um gravador, mas sim a outra pessoa» (2013, p. 58). A entrevista biográfica não é, portanto, um canal neutro de transferência de informação: é um encontro marcado por expectativas, assimetrias, afetos e responsabilidades. A escuta, a reciprocidade e a reflexividade deixam de ser elementos acessórios para se tornarem condições de produção do próprio conhecimento.

Esta posição altera igualmente o lugar do investigador. Em vez de se apresentar como observador exterior, este deve reconhecer a sua participação na definição da situação de investigação, na formulação das perguntas e na interpretação dos relatos. O rigor não decorre da ocultação dessa presença, mas da sua análise crítica, da transparência dos procedimentos e da capacidade de relacionar os testemunhos com os respetivos contextos históricos e sociais.

3. A crítica epistemológica e o «fetichismo dos dados»

Nas últimas décadas, a expansão da quantificação, dos grandes volumes de dados e da modelização algorítmica reavivou os debates sobre a objetividade e a validade da prova

empírica. A promessa de «ver sem ver» — inferir o social a partir de dados massivos sem contacto direto com os sujeitos — tende a eclipsar o sentido, a ambivalência e a dimensão dialógica da vida quotidiana. A crítica ferrarottiana antecipa este cenário ao advertir para os limites da abstração quando esta se autonomiza da experiência vivida.

A crítica ao positivismo dirige-se, portanto, menos à quantificação em si do que à sua absolutização. O «fetichismo dos dados» — a crença de que os dados falam por si — oculta que todo o dado resulta de escolhas teóricas, recortes analíticos, linguagens e formas institucionais de legitimação. Como observa Ferrarotti, «O dado por si só, é um facto fechado sobre si próprio e por isso distante da vida, não servindo sequer para objeto real de análise para as ciências sociais» (2013, p. 48). A citação condensa o núcleo do seu argumento: a vida excede os esquemas de codificação prévios e exige dispositivos de investigação capazes de restituir contexto e significado. Por isso, a dependência acrítica de dados secundários pode comprometer a autonomia da investigação e conduzir à perda de sentido crítico (Ferrarotti, 2013, p. 21).

A atualidade de Ferrarotti manifesta-se, ainda, no modo como a sua proposta permite interrogar a crise de legitimidade da ciência. Em contextos de polarização e desinformação, a autoridade científica não se reconstrói apenas pela multiplicação de indicadores; exige reencontrar a relação com os sujeitos, abrir espaço à reflexividade e assumir a incerteza como condição constitutiva do conhecimento. É neste ponto que o método biográfico se apresenta como alternativa dotada de densidade epistemológica e alcance político.

Esta perspetiva é atualizada por Nurse, O'Neill e Moran (2024), que concebem a investigação biográfica como forma de envolvimento ético e político com o mundo social. Em contextos marcados por distanciamento, fragmentação e vulnerabilidade, os contributos reunidos em *Biographical Research and New Social Architectures* recorrem a entrevistas caminhadas (*walking interviews*), autoetnografia colaborativa e métodos visuais, sonoros e sensoriais para captar dimensões da experiência que escapam às grelhas pré-codificadas. Ao atenderem ao trauma, ao risco de retraumatização e às vulnerabilidades ocultas dos sujeitos, estes contributos prolongam a ética da escuta defendida por Ferrarotti e mostram que conhecimento e cuidado são inseparáveis.

Ferrarotti debruça-se igualmente sobre os limites simétricos do objetivismo naturalista e do psicologismo. Mesmo a linguagem aparentemente impessoal — como a de uma política económica — remete para intenções, expectativas, ambições e perspectivas dos atores (Ferrarotti, 2013, p. 71). Esta atenção aos estados de espírito e às intenções aproxima-se da utilização contemporânea de métodos sensoriais e afetivos para aceder à experiência vivida (Nurse *et al.*, 2024, p. 7).

Ao propor o método biográfico como via de acesso ao conhecimento sociológico, Ferrarotti não apenas reabilita a subjetividade como dimensão legítima da análise, mas formula também uma ética da investigação centrada na escuta, na reciprocidade e na coconstrução do sentido. A investigação biográfica afirma-se, deste modo, como prática crítica e transformadora, sem abdicar da mediação teórica nem da exigência de contextualização.

4. Método biográfico, vulnerabilidade e ética do cuidado

Rer ler esta obra permite reconhecer contributos que permanecem decisivos: a desmontagem da pretensão de neutralidade, a restituição da historicidade à ciência, a centralidade da escuta e a valorização da narrativa como mediação entre o individual e o coletivo. Estes elementos oferecem ferramentas relevantes para uma sociologia que se recusa a naturalizar a desigualdade e procura compreender os processos sociais por meio das histórias que os sujeitos contam sobre si, os outros e o seu tempo.

Há, porém, limites que a leitura contemporânea torna visíveis. Em primeiro lugar, por razões cronológicas, a obra não enfrenta as implicações da digitalização extensiva da vida social e da governação algorítmica. Atualmente, relatos, imagens, metadados e rastros digitais podem ser agregados, reutilizados e cruzados fora do contexto em que foram produzidos, tornando mais instáveis as fronteiras entre público e privado e mais difícil garantir o anonimato e o controlo sobre utilizações futuras. Esta transformação desafia uma conceção pontual do consentimento e exige entendê-lo como processo continuado, contextual e negociado.

Em segundo lugar, é pouco explícito o diálogo com epistemologias feministas e decoloniais. Embora a defesa ferrarottiana de um conhecimento situado seja convergente com essas perspectivas, a ausência de uma análise sistemática da posição do investigador, das

assimetrias de poder e dos regimes que autorizam certas vozes e silenciam outras, limita a capacidade da obra para problematizar a desigualdade epistémica. Integrar esses contributos permitiria aprofundar a reflexividade do método biográfico e evitar que a valorização da subjetividade reproduza hierarquias de género, classe, raça ou pertença colonial.

Estas lacunas não diminuem o alcance histórico e epistemológico da proposta; delimitam o seu horizonte e indicam linhas de desenvolvimento para o legado de Ferrarotti, mantendo a tensão produtiva entre rigor e abertura, método e sentido, conhecimento e responsabilidade.

Outro contributo relevante é a valorização da biografia de grupo como instrumento de análise das dinâmicas coletivas. Ao mesmo tempo, Ferrarotti adverte contra o irracionalismo e o espontaneísmo que podem resultar de uma celebração acrítica do vivido. A sua crítica aos «neo-heraclitianos», que estariam «condenados a um irracionalismo pseudo-vitalista e acrítico» (Ferrarotti, 2013, p. 74), mostra que a abertura à experiência não dispensa mediação teórica, contextualização nem prova.

Por fim, a obra formula uma proposta ética para a investigação. Ao sustentar que «A história de vida permite-nos avançar para uma análise em profundidade [...] e possui um papel extremamente profícuo na formação de uma sociologia crítica» (Ferrarotti, 2013, p. 52), o autor associa a profundidade analítica ao respeito mútuo, à reflexividade e ao cuidado. A escuta não é, assim, mero procedimento de recolha, mas relação de responsabilidade perante sujeitos cujas narrativas são coconstruídas, interpretadas e publicadas por outros.

Considerações finais

Sobre a ciência da incerteza permanece uma intervenção relevante no debate epistemológico e metodológico das ciências sociais. A sua principal contribuição consiste em demonstrar que o rigor não exige apagar a historicidade, a subjetividade ou a relação, mas tornar explícitas as condições humanas e institucionais da produção do conhecimento. Ao articular narrativa e estrutura social, singularidade e processo histórico, Ferrarotti restitui ao método biográfico densidade explicativa e alcance crítico.

Enquanto obra, trata-se de um ensaio breve, conceptualmente denso e deliberadamente provocador. A clareza da tese, a força da crítica à alienação metodológica e a defesa consequente da escuta tornam-no uma leitura de referência para quem trabalha com histórias

de vida. A mesma concisão constitui, contudo, uma limitação: questões hoje centrais — mediação digital, proteção e reutilização de dados, vulnerabilidade, relações de poder e desigualdade epistêmica — permanecem ausentes ou apenas implícitas, pelo que a proposta necessita de ser complementada por debates feministas, decoloniais e digitais posteriores.

Revisitar Ferrarotti hoje é, por conseguinte, reativar uma agenda crítica: produzir conhecimento rigoroso sem absolutizar os instrumentos; reconhecer a incerteza sem abdicar da prova; escutar os sujeitos sem romantizar os relatos; e assumir a responsabilidade inerente à interpretação e à circulação das suas narrativas. É nesta combinação de exigência analítica, reflexividade e compromisso ético — simultaneamente fecunda e aberta a atualização — que reside o contributo mais duradouro da sua «ciência da incerteza».

Referências bibliográficas

- Bertaux, D. (1997). *Les récits de vie: perspective ethnosociologique*. Nathan.
- Goodson, I. F. (2013). *Developing narrative theory: Life histories and personal representation*. Routledge.
- Nurse, L., O'Neill, M., & Moran, L. (Eds.). (2024). *Biographical research and new social architectures: Challenges and opportunities for creative applications across Europe*. Policy Press. <https://doi.org/10.51952/9781447368922>
- Ricœur, P. (1983). *Temps et récit: Tome 1. L'intrigue et le récit historique*. Éditions du Seuil.
- Schmidt, B. B. (1997). Construindo biografias... historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos. *Estudos Históricos*, 10(19), 3–22.
- Schmidt, B. B. (1998, outubro). *Luz e papel, realidade e imaginação: as biografias na história, no jornalismo, na literatura e no cinema* [Comunicação apresentada]. XXII Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, Caxambu, Minas Gerais, Brasil.
- Schütze, F. (2008). Biography analysis on the empirical base of autobiographical narratives: How to analyse autobiographical narrative interviews—Part one. *European Studies on Inequalities and Social Cohesion*, (1–2), 153–242.
- Thomas, W. I., & Znaniecki, F. (1918–1920). *The Polish peasant in Europe and America: Monograph of an immigrant group* (Vols. 1–5). University of Chicago Press; Richard G. Badger.